

O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO AUTÊNTICA NA RELAÇÃO FAMILIAR: CONTRIBUTOS PARA UMA PERSPECTIVA SISTÊMICA

Fernando Nogueira Dias

RESUMO:

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica orientada por um sentido de transculturalidade científica, o que levou o autor a fundamentá-lo em obras de áreas tradicionalmente distintas como a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia.

Pretende-se evidenciar a importância da comunicação como factor determinante da relação familiar. Como propostas de uma comunicação autêntica para o desenvolvimento pessoal e familiar, são referidas as atitudes básicas de comunicação e os princípios sobre os quais devem assentar as relações interpessoais, segundo Carl Rogers.

PALAVRAS-CHAVE: Família, Sistema, Pessoa, Comunicação, Desenvolvimento Humano, Adaptação Pessoal e Social.

INTRODUÇÃO

“Podemos portanto dizer que a psicoterapia é uma boa comunicação no interior da pessoa e entre pessoas. Uma boa comunicação, uma comunicação livre, dentro de pessoas é sempre terapêutica. ...Uma terapia que leva o indivíduo a tornar-se mais plenamente e de uma maneira mais profunda ele próprio o conduz igualmente à descoberta de uma maior satisfação nas relações familiares reais que prosseguem os mesmos fins: facilitar em cada membro da família o processo de descobrir-se e de vir a ser ele mesmo”.

Carl Rogers
 (“Tornar-se Pessoa ”)

· Doutor e Mestre em Sociologia, é Professor e Coordenador da licenciatura em Sociologia do Instituto Piaget. É também Psicoterapeuta pela Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Centrada no Cliente e Abordagem

A relação emerge como expressão caracterizadora do sistema familiar, ao qual estão subjacentes os processos de comunicação.

Ao longo deste trabalho sobressai a perspectiva sistémica da pessoa e da família, tomando-as como ponto de convergência da diversidade de valores individuais, familiares e sociais.

Sendo a pessoa um sistema aberto e complexo, pela sua natureza ela está permanentemente sujeita às influências do meio que a rodeia, meio que, pelo processo de socialização, lhe vai propondo os valores que a orientam na construção de si mesma e na relação que constitui com os outros.

Se na relação familiar os bloqueios do processo de comunicação se sobrepõem aos processos facilitadores, que conduzem as pessoas ao crescimento e à autonomia, o sistema pode entrar em desequilíbrio, também designado por processo entrópico, acarretando estas consequências negativas para os elementos que o constituem, para a família no seu todo e para a sociedade em geral.

A comunicação autêntica apresenta-se neste contexto como factor determinante no desbloqueio e na facilitação de uma relação equilibrada e ajustada dos indivíduos entre si e destes ao meio social.

I - NOTAS CONCEPTUAIS

A opção pela abordagem sistémica para compreensão do papel da comunicação na família implica a sua apreensão e a do ser humano como sistemas (Moigne, 1996). Considerar os fenómenos sociais e humanos como sistemas é optar pela perspectiva de que estes podem ser traduzidos em fenómenos comunicacionais e analisados como tais.

Por certo, esta é uma opção teórica, entre muitas outras, do património sociológico. Mas a vantagem que se vislumbra na adopção deste paradigma supera as insuficiências que se lhe possam apontar. Com efeito, a perspectiva sistémica da família é devedora do conceito pan-comunicacional proposto pela Escola de Palo Alto de que "tudo é comunicação", no sentido em que a realidade, humana e não humana, pode, para efeitos de análise, converter-se em

Centrada na Pessoa, Formador e membro da Direcção da mesma. Tem dedicado o seu estudo aos processos de comunicação, de cultura e de conhecimento nos sistemas grupais.

fluxos de comunicação, independentemente da intencionalidade dos seus emissores (Breton, 1994). Mas se é verdade que o peso hegemónico desta visão possa ser equacionado, não deixa de ser menos verdade que estamos perante um conceito transdisciplinar, que supera a tradicional dicotomia individual/social, trazendo por isso mesmo um valor acrescentado à epistemologia das Ciências Sociais e Humanas.

Como consequência desta opção, a família é perspectivada como um sistema de comunicação aberto e complexo, modelo este que tenta, pelo *isomorfismo* das suas características, representar a família e o indivíduo na dinâmica das suas relações.

Com esse fim, Littlejohn (1982: 41-52) propõe-nos o conceito de sistema como um conjunto de partes interligadas, que se organizam para atingir determinadas *finalidades*. A *globalidade* comportamental do sistema, enquanto propriedade intrínseca que caracteriza a relação, é qualitativamente superior à soma dos elementos que o constituem.

Para atingir as suas finalidades, os sistemas obedecem ao princípio do *expansionismo*, no sentido em que o funcionamento das partes depende do todo sistémico para o qual estão organizadas. Consequentemente, impõe-se-nos o conceito de *globalismo*, que procura justificar que as características do todo sistémico se encontram nas partes que o constituem e, por sua vez, as características das diferentes partes projectam-se e constituem a globalidade do sistema.

Como uma das características fundamentais dos sistemas humanos e sociais é a *abertura* e a *complexidade*, estes obedecem ao princípio *teleológico*, no sentido em que se auto-regulam e auto-organizam em função das suas finalidades, proporcionadas pelo *meio* envolvente.

Tratando-se de sistemas complexos, por oposição ao determinismo simplista (Morin, 1995), o conceito de *caixa negra* emerge para demonstrar que o conhecimento da realidade (neste caso o comportamento dos sistemas, equivalente a comunicação) se obtém pelo controlo das suas entradas e saídas, mediante *feedbacks* positivos ou negativos, como resposta à relação que os sistemas têm com o meio envolvente. Por isso, os sistemas abertos e complexos não deixam de obedecer também ao princípio da *equifinalidade*, já que estes podem atingir no seu meio ambiente as mesmas finalidades por diferentes formas e percursos alternativos (Epstein, 1973: 9-43).

Aos processos de desorganização, de caos, de ruptura ou de morte, que os sistemas podem desenvolver na relação com o meio, os autores da Teoria dos Sistemas e da Ciber-

nética designam por *entropia*. Procurando contrariar e inverter estes processos, os sistemas recorrem a medidas *neguentrópicas* (o inverso da *entropia*) para readquirirem o equilíbrio *homeostático*, as quais consistem em processos de informação e de comunicação.

Como se depreende, os processos de informação e de comunicação são de importância fundamental para a coesão interna dos sistemas, uma vez que lhes proporcionam o *ajustamento* das diferentes partes que os constituem. Mas são também fundamentais para as relações de *adaptação* do sistema ao meio envolvente, sem esquecer que é graças à comunicação e à informação que os sistemas delimitam as suas *fronteiras* (ou identidade), face aos outros sistemas.

Todavia, tais processos são possíveis porque as fronteiras dos sistemas sociais e humanos são por natureza abertos e complexos, o mesmo é dizer que as suas fronteiras obedecem ao princípio da *permeabilidade*: predisposição para entrada e saída de informação. A permeabilidade, ao facilitar as trocas informacionais do sistema com o seu meio, permite que este exerça influência sobre as suas estruturas internas, a que os teóricos dos sistemas designam por *morfogénese*.

Por tudo isto, a homeostasia procurada pelos sistemas nas relações de adaptação ao meio envolvente não pode ser sinónima de equilíbrio estático. É certo que alguns autores consideram ser a perspectiva sistémica, para já não falar do funcional-estruturalismo de Parsons, uma visão estática da família. Mas não é essa a nossa posição. Se considerarmos que a abordagem sistémica e o próprio conceito de sistema são metáforas que remetem para a complexidade interactiva dos seus membros, talvez seja possível atribuir a estes conceitos novos significados. E não é pelo facto de a abordagem sistémica fazer recurso aos termos "equilíbrio" e "adaptação" que nos devemos ficar pela ideia de "conservadorismo parsoniano", expressão que duvidamos ter correspondido com exactidão ao pensamento do autor. Trata-se aqui de um padrão de equilíbrio dinâmico, oscilante, e não de um estado cristalizado (Watzlawick et al., 1985). Pois, como refere Le Moigne (1996), os sistemas abertos e complexos são constituídos por três pólos: genético, ontológico e funcional. O primeiro diz respeito à *história* do sistema; o segundo ao *ser* que o caracteriza; o terceiro à *actividade* que desenvolve na relação com o meio.

Porque as relações do sistema com o meio, apesar da procura de equilíbrio e de adaptação, são sempre instáveis, justifica-se afirmar que o comportamento dos sistemas sociais e humanos será sempre *probabilístico*, aleatório, e por isso mesmo não determinístico.

Ao serem introduzidos neste modelo os conceitos de processo de *comunicação autêntica*, parte-se do princípio de que a *comunicação facilitadora* das potencialidades humanas, proposta por Carl Rogers, o completa, uma vez que os três pólos que constituem a modelação sistémica atrás referidos não deixam de ser nele considerados. Por outro lado, a perspectiva da abordagem sistémica procura neste texto a compatibilidade e a integração, não totalitária, da pessoa humana na sua unicidade, também ela vista como uma totalidade sistémica.

II - A COMUNICAÇÃO COMO PROCESSO

Quando no interior da família os indivíduos procuram relacionar-se não podem deixar de recorrer a processos de comunicação. Por comunicação entendemos ser o acto de pôr algo em comum entre pelo menos duas pessoas, assentando esta numa codificação que ambas conhecem, de forma a gerar-se um campo de entendimento comum aos elementos envolvidos nesse processo (Berlo, 1978: 49-75).

Distinguímos aqui comunicação de informação, visto tratar-se de conceitos diferentes. Enquanto informação é o acto de divulgar, esclarecer e dar conhecimento de algo a alguém, comunicação pode considerar-se um processo, o qual gera mudanças nos elementos que dele participam, num tempo, num espaço e num determinado contexto (Rodrigues, 1999: 34-36).

Se a informação é caracterizada por uma relação unívoca entre emissor e receptor, o processo de comunicação distingue-se desta por uma relação biunívoca, o mesmo é dizer por um circuito bilateral, no qual a resposta do receptor realimenta a acção do emissor. Dito de outra forma, o processo de comunicação gera no emissor e no receptor reversibilidade na inteligência, reciprocidade na afectividade e objectividade nas significações.

Como a informação é unilateral não permite ao receptor reagir ou pronunciar-se sobre o seu conteúdo, ou a forma e a intenção da mesma, mecanismo que pode naturalmente provocar irreversibilidade, desnivelamento ou equívocos de compreensão. Se na informação há uma relação de "imposição" por parte do emissor, já na comunicação pode verificar-se uma interacção dos elementos nela envolvidos, uma vez que tanto emissor quanto receptor participam de um mesmo processo, que a ambos é comum.

III - PROCESSO DE COMUNICAÇÃO NO SISTEMA FAMILIAR

Por comunicação podemos assim entender o processo pelo qual marido e mulher, pais e filhos constituem relação uns com os outros. É a forma pela qual "democraticamente" os elementos do processo de comunicação podem expressar e simultaneamente comungar a sua subjectividade e tornar objectiva determinada realidade.

Este processo não implica todavia a redução ou o nivelamento das diferenças que caracterizam emissor e receptor. Como afirma Orgogozo (1988: 15) : *la communication est une activité décharge - incessante et pourtant improbable - entre deux ou plusieurs unités (individuelles, organisationnelles ou sociales) qui cherchent à modifier leurs comportements mutuels pour réduire l'incertitude inhérente au fait que ces unités sont et resteront différentes les unes des autres.*

Pode, assim, dizer-se que o processo de comunicação no sistema familiar permite aos seus elementos partilhar o que têm em comum, reduzindo desta forma a incerteza e a ambiguidade, mas também evidenciar as diferenças que os caracterizam. E tanto as semelhanças quanto as diferenças constituem o meio ambiente a partir do qual os indivíduos encontrarão as suas finalidades para se auto-organizarem pessoal e socialmente.

Esta diferenciação poderá no entanto levar quer a um clima de bem-estar e de harmonia, pela descoberta da diferença, quer a um clima de tensão e de angústia nos sujeitos envolvidos nesse processo, face ao ruído do imprevisto, da incerteza e do desigual.

Mas se é no processo de comunicação que surgem diferenças, incertezas e ambiguidades que podem provocar bloqueios e conflitos, é também nele que estes podem igualmente ser clarificados e dirimidos, e o sistema familiar atingir novos estádios homeostáticos de complexidade, mediante a integração dos ruídos iniciais.

IV - BLOQUEIOS NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

Do que precede, torna-se claro que, ao estabelecer-se a relação no sistema familiar desenvolve-se, acima de tudo, um processo dinâmico de comunicação no seu interior. Mas este processo, que se caracteriza por determinada finalidade no sistema familiar, assenta e depende naturalmente das características dos diferentes elementos que o constituem (Berlo, 1979: 49-75): emissor, mensagem, canal, receptor e contexto ou clima em que decorre a comunicação.

Se tomarmos em consideração que as características de cada elemento do processo de comunicação são diversas e complexas, poder-se-á perceber que o equilíbrio da relação familiar em muito depende das estratégias e das práticas comunicacionais nela presentes (Dias, 1991: 29-30).

Assim, ao nível do emissor e do receptor (marido e mulher ou pais e filhos, por exemplo) podem gerar-se e desenvolver-se bloqueios provenientes: das competências comunicativas do emissor e do receptor, no que se refere à forma como codificam e descodificam as mensagens, bem como à sua capacidade de raciocinar sobre os conteúdos das mesmas; das próprias atitudes do emissor e do receptor, uma vez que estas influenciam as modalidades e os meios pelos quais se expressam; dos sistemas social e cultural, visto que os mesmos influenciam e condicionam a acção do emissor e do receptor.

Ao nível da mensagem, podem gerar-se e desenvolver-se bloqueios provenientes das influências: dos próprios conteúdos veiculados pela mensagem, do tratamento e da codificação que lhe são feitos, e do contexto em que a mesma é transmitida.

Ao nível do canal, podem emergir as influências da visão, da audição, do tacto, do olfacto, do gosto, da mímica, da gestualidade, dos chamados factores paralinguísticos, da utilização do espaço como mensagem, etc.

Considerando o processo de comunicação um acto intencional, o mesmo apresenta-se como um comportamento teleologicamente orientado, tendo em conta que a intencionalidade da comunicação é indissociável da relação entre as pessoas. Uma vez que a relação é uma função socialmente estruturante para o indivíduo, logo, a comunicação não pode deixar de constituir-se parte integrante da natureza humana, pois, como refere Edgar Morin (1995), o ser humano é um sistema auto-eco-organizado, o mesmo é dizer que se constrói na relação que estabelece com os outros.

V - O SER HUMANO COMO SISTEMA COMUNICACIONAL ABERTO E COMPLEXO

Visto que a relação caracteriza e expressa cada sistema familiar, os sujeitos que dele fazem parte encontram-se num processo de comunicação constante, ao qual não podem subtrair-se. Como refere o filósofo Paul Watzlawick (1985: 44), *não se pode não comunicar*, ou

seja, qualquer comportamento tem sempre o valor de mensagem, independentemente da intencionalidade do protagonista, pelo que estamos sempre em processo de comunicação.

Assim, e dada a constância da relação familiar, ora com uns ora com outros, pode dizer-se que os elementos que a integram se situam num plano sistémico e interactivo de comunicação, o que nos conduz à ideia de que o ser humano está permanentemente a fazer trocas com o meio ambiente; neste caso, com a família e a família com a sociedade.

A visão sistémica da família pode igualmente ser transposta para cada elemento que a constitui. O ser humano é também ele um sistema, sistema comunicacional complexo e aberto ao meio que o rodeia. E, graças à estrutura genética, bem como ao património pessoal que dele faz parte, o ser humano é portador de um conjunto de potencialidades que, se actualizadas no meio que o envolve, lhe possibilitam o relacionamento dinamicamente equilibrado.

O desenvolvimento das características individuais e das suas potencialidades, quando facilitado pelo meio social, especialmente pelo sistema familiar, permite ao indivíduo fazer não só trocas adaptativas, que lhe facultam o ajustamento às mutações que se geram nesse mesmo meio ambiente social e cultural, como também desenvolver processos críticos e criativos, essenciais à mudança e à evolução.

Desta forma, o processo de comunicação no sistema familiar apresenta-se-nos neste contexto como um mecanismo de regulação social básico, sem o qual não seria possível haver relação, e sem relação familiar seria insustentável o processo de socialização. A haver rotura neste processo, difícil seria também a adaptação social do indivíduo, logo, tornar-se-ia iminente o fracasso da sua integração na sociedade.

VI - ABORDAGEM SISTÉMICA DA ADAPTAÇÃO SOCIAL

Como foi observado, é na relação familiar, com base em actos de comunicação, que o ser humano interioriza os elementos socioculturais do seu meio, através do processo de socialização, e os integra na estrutura da sua personalidade, face às experiências vividas na e com a família e se adapta ao meio social (Rocher, 1989: 126).


Ora, do ponto de vista sociológico, a principal consequência da socialização é, com efeito, a adaptação da pessoa ao seu meio social, adaptação que lhe permitirá partilhar pontos de vista, aspirações e necessidades, dado o isomorfismo cognitivo. Neste processo interactivo

de adaptação o indivíduo reconhece-se nos outros e é a partir deles que constrói a sua identidade psíquica e social (Gurvitch, s.d: 243-258).

Numa alusão à Teoria Geral da Acção Humana sobre este mesmo problema, o sociólogo Talcott Parsons (1969: 52-53) propõem-nos quatro subsistemas ciberneticamente hierarquizados, mas interactivos, que concorrem para a adaptação do ser humano: orgânico, psíquico, social e cultural (ou simbólico). A cada subsistema corresponde uma função, que contribuirá para a integração do indivíduo e para o equilíbrio global do sistema de acção (Quadro 1).

Ao subsistema orgânico corresponde a função de adaptação do sujeito. Ao subsistema personalidade corresponde a função de prosseguimento de fins da pessoa. Ao subsistema social corresponde a função de integração do indivíduo. Ao subsistema cultural corresponde a função de estabilidade normativa.

Quadro 1 - Visão Sistémica da Acção Humana em Talcott Parsons

Sistema Geral da Acção			
Imperativos Funcionais	Subsistemas	Hierarquia Cibernética da Acção	Ciência Correspondente
<i>Estabilidade Normativa</i>	<i>Cultural</i>	+ Informação  + Energia	<i>Antropologia</i>
	<input type="checkbox"/> Valores <input type="checkbox"/> Conhecimentos <input type="checkbox"/> Ideologias <input type="checkbox"/> Aparelho simbólico de que a acção se inspira		
<i>Integração</i>	<i>Social</i>		<i>Sociologia</i>
	<input type="checkbox"/> Condições sociais implicadas na interacção dos indivíduos		
<i>Prosseguimento de Fins</i>	<i>Personalidade</i>		<i>Psicologia</i>
<i>Adaptação</i>	<i>Organismo Biológico</i>		<i>Biologia</i>

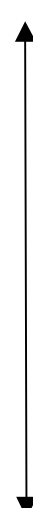
Adoptando a presente perspectiva à família (Quadro 2), e socorrendo-nos ainda do pensamento de Parsons, podemos dizer que a função de adaptação diz respeito aos meios a que o sistema familiar recorre para prosseguimento dos seus fins, dependendo estes das condições proporcionadas pela estrutura económica.

Por sua vez, a função de prosseguimento de fins refere-se à definição e obtenção de finalidades para o próprio sistema familiar ou para os elementos que o constituem, dependendo aquelas das condições implicadas na estrutura política.

A função de integração consiste em assegurar a coordenação entre os elementos do sistema familiar, de forma a ultrapassar as dissonâncias originadas no seu interior e entre este e a sociedade, dependendo aquela das condições que corporizam as normas e as regras que condicionam a interacção humana.

Por último, a função de estabilidade normativa procura assegurar que os valores da sociedade sejam conhecidos e aceites pelos elementos que compõem o sistema familiar, dependendo aquela de valores e do modo como os diferentes agentes os transmitem ao ser humano no decurso do processo de socialização.

Quadro 2 - A Família como Subsistema Social

Subsistema Social			
Imperativos Funcionais	Elementos Estruturais	Hierarquia Cibernética da Acção Social	Conjuntos Estruturais
<i>Estabilidade Normativa</i>	<i>Valores</i>	+ Informação	<i>Socialização</i>
Consiste em assegurar que os valores da sociedade sejam conhecidos pelos seus membros e que estes os aceitem			<input type="checkbox"/> Família <input type="checkbox"/> Ensino <input type="checkbox"/> Meios de Comunicação Social <input type="checkbox"/> Igrejas <input type="checkbox"/> Empresas
<i>Integração</i>	<i>Normas</i>		<i>Direito</i>
Consiste em assegurar a coordenação entre as partes que compõem o sistema			<input type="checkbox"/> Aparelho Judiciário
<i>Prosseguimento de Fins</i>	<i>Colectividades de Indivíduos</i>		<i>Política</i>
Consiste na definição e obtenção de objectivos para o sistema e/ou para os indivíduos que o constituem			<input type="checkbox"/> Estrutura Política
<i>Adaptação</i>	<i>Papéis Sociais</i>		<i>Económico</i>
Consiste no conjunto de meios a que o sistema recorre para prosseguimento de fins		+ Energia	<input type="checkbox"/> Estrutura Económica

VII - COMUNICAÇÃO COMO PROCESSO HOMEOSTÁTICO DO SISTEMA FAMILIAR

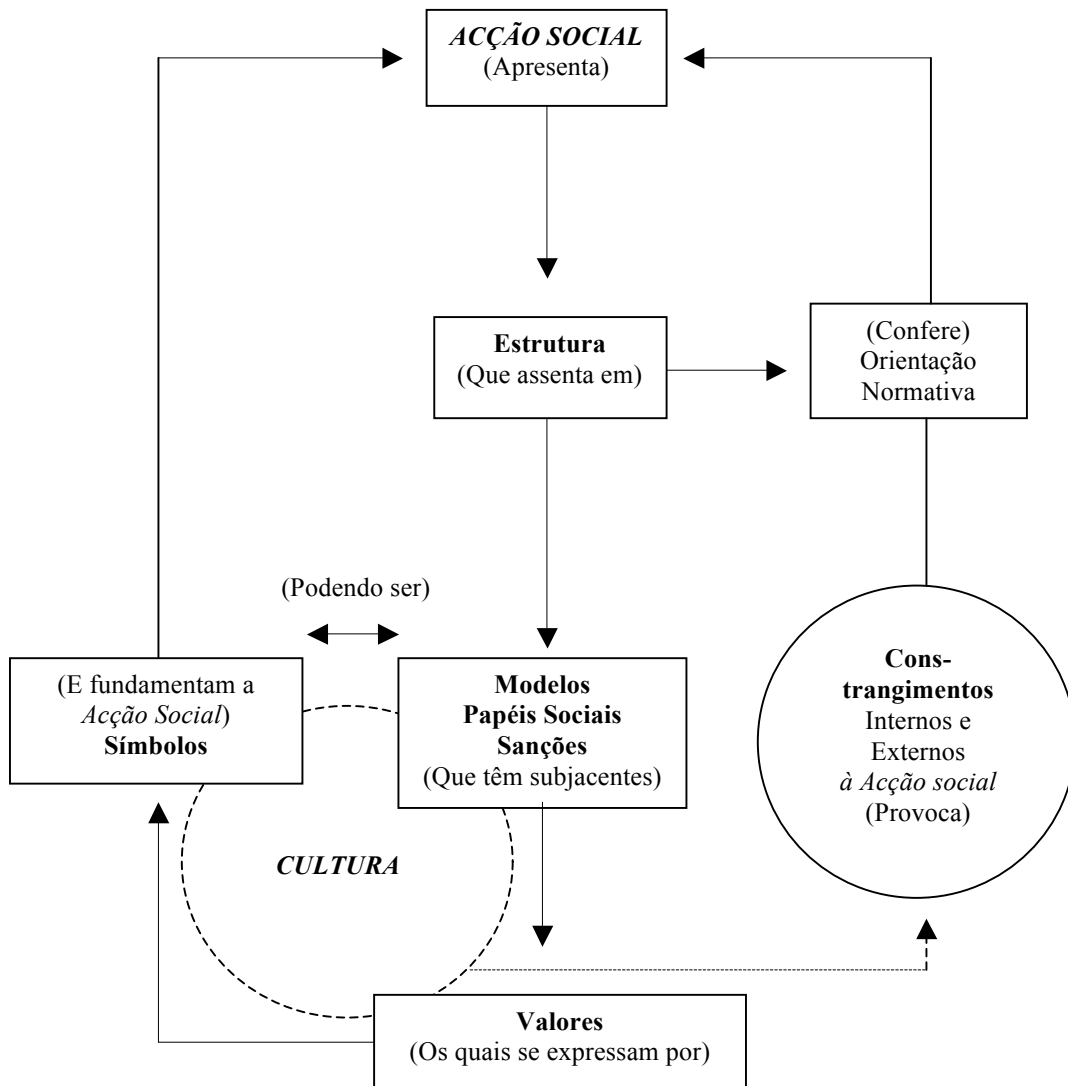
A família desempenha assim o papel de sistema estabilizador através do processo de socialização, o qual procura produzir nos indivíduos uma certa conformidade nas maneiras de pensar, de sentir e de agir, para que estes se adaptem ao sistema familiar e nele se integrem, permitindo-lhes por consequência manterem-se e prosseguir tanto os seus próprios fins como os do sistema a que pertencem.

Como estes fins só são possíveis de atingir mediante processos de comunicação, a relação familiar acaba por constituir parte da natureza da pessoa, pois o ser humano modela-se naquilo que o campo interaccional lhe proporciona. Construindo-se na relação comunicativa, o indivíduo torna-se um ser relacionado e comunicacional, ou, parafraseando Rogers (1985) o indivíduo “torna-se pessoa”.

Dado, no entanto, que ao nascer o indivíduo é progressivamente integrado nos padrões de funcionamento familiar já existentes, os modos de pensar, de sentir e de agir não deixam de ser constringidos pela relação aí desenvolvida. O sistema familiar constitui nesta perspectiva o garante do isomorfismo dos padrões socioculturais, sem os quais não é possível estabelecer a relação entre o individual e o social (Quadro 3).

Como a família é a primeira instituição a facultar ao ser humano a sua auto-organização no seio da relação que a expressa, o modo como nela se desenvolvem os processos de comunicação determinará o maior ou menor sucesso do seu desenvolvimento pessoal e social e, por consequência, da sua integração na sociedade (Dias, 1991: 30-32).

Quadro 3 – Processo de Constrangimentos à Acção Social



VIII - SISTEMA FAMILIAR E COMUNICAÇÃO AUTÊNTICA

Sendo por princípio o sistema familiar um meio por excelência onde os seus membros podem interagir uns com os outros sem entraves, e onde é possível encontrar as condições para o seu desenvolvimento e equilíbrio psico-sócio-afectivo, nem sempre isso é constatável.

Carl Rogers, psicólogo americano da corrente humanista, apresenta-nos a sua concepção das relações humanas, baseada na atitude de *autenticidade* entre as pessoas e num

modelo de comunicação *facilitador* e de *compreensão empática*. A sua proposta é expressa em diversas obras que publicou no decurso da sua vida, sendo *Tornar-se Pessoa* (Rogers, 1985) aquela que, de uma forma simples e enfática, contribuiu para uma perspectiva original do ser humano e da família.

Rogers parte de três premissas fundamentais para a compreensão do seu modelo de comunicação.

A primeira é a de que o núcleo da personalidade do ser humano é de *natureza fundamentalmente positiva*, sendo a base do homem positiva, racional e realista.

A Segunda refere-se à *capacidade de auto-direcção*, ou de crescimento de todo o indivíduo. Esta tendência inata de o indivíduo desenvolver as suas capacidades assenta em duas ideias fundamentais: por um lado, a *tendência actualizante* do organismo em busca dos fins que lhe são próprios; por outro, a pessoa é vista como um *sistema aberto*, auto-regulável, que avalia a sua experiência e resultados em função das finalidades procuradas, corrigindo posteriormente a sua experiência.

A terceira diz respeito à possível *alienação do desenvolvimento*. Quando assim acontece, o desenvolvimento da pessoa é bloqueado face às finalidades que lhe são propostas no processo de socialização. Como o ego é produto das experiências que ela própria viveu e da interiorização da valorização que os outros fazem de si, a pessoa tende a deixar-se conduzir pelas apreciações dos outros, especialmente dos familiares. É que, no sistema familiar, acontece frequentemente a criança valorizar mais as apreciações que os outros fazem de si do que a sua experiência pessoal. Como a criança depende das condições que a família lhe proporciona para atingir os seus fins, a sua percepção acaba por ser moldada e dirigida por vontades que lhe são alheias.

Para contrariar os bloqueios ao processo de comunicação, e por consequência a relação desequilibrada, Rogers propõe que, para a comunicação ser autêntica a mesma deve efectuar-se entre “pessoas”. Ora, o conceito de *pessoa* em Rogers exclui a clivagem do ser humano em orgânico, psíquico, social ou cultural; ele tem uma visão sistémica e holista. O ser humano é um todo sistémico, mas que integra subsistemas diferenciados; é independente, mas simultaneamente relacional, pelo que, para o autor, é necessário reduzir ao máximo os bloqueios à experiência subjectiva, visto que é através dela que o ser humano encontra um

campo de partilha com os outros, constituindo desta forma um meio ambiente de intersubjectividade, no qual se constrói e se desenvolve.

Assim, e sem que os pais se demitam da sua responsabilidade de educadores e orientadores, para que no sistema familiar haja uma relação equilibrada, através da comunicação autêntica, Rogers propõe três atitudes comunicacionais básicas.

A primeira diz respeito à necessidade de os pais serem *coerentes e congruentes* nas relações com os filhos, ou seja: serem eles mesmos, *autênticos*, transparentes, procurando estar abertos, sem defesas no que concerne aos seus próprios sentimentos.

A segunda refere-se à imperiosidade de *aceitação positiva e incondicional* dos filhos, o que significa aceitar as suas manifestações sem julgamentos prévios; permitir que o outro se auto-construa num clima de relativa liberdade.

A terceira reporta-se à *compreensão empática*, do ponto de vista interno dos filhos, ou seja, perceber o seu quadro de referência interno com a exactidão possível, o que inclui também os aspectos emocionais e as significações a eles atribuídos, como se os pais fossem os filhos, sem no entanto deixarem de ser eles próprios.

Na presente perspectiva, a adopção destas atitudes pelo sistema familiar poderá contribuir para um maior desenvolvimento pessoal e social dos seus elementos, para relações mais equilibradas e para uma sociedade menos punitiva e mais solidária. Pois, como refere o sociólogo Raymond Boudon (1990: 37), *Todo o processo social é, em última instância, resultado de comportamentos inspirados nas noções ou valores interiorizados pelos indivíduos no decorrer da sua socialização.*

CONCLUSÕES

A comunicação, ao contrário da unilateralidade da informação, produz mudança nos seus intervenientes, o que nos leva a afirmar que relações familiares assentes em processos de comunicação autêntica permitem a todos a oportunidade de nele participar de forma eficaz e equilibrada.

Mas este processo pode sofrer diversos bloqueios, uma vez que os elementos em interação são vários. E como o ser humano é um sistema aberto, e por isso vive permanentemente exposto às influências do meio que o rodeia, está sujeito a orientar-se em função dos julgamentos e apreciações dos outros, em especial da família e dos pais.

Encarando a família como um sistema, ela permite aos elementos que a constituem, através do processo de socialização, interiorizar valores e normas sociais para a sua formação e desenvolvimento, mas também estabelecer uma ligação entre eles e a sociedade, contribuindo desta forma para o equilíbrio social.

O processo de comunicação é o mecanismo social básico sem o qual não é possível haver relação. Se a comunicação no sistema familiar se basear nas atitudes propostas por Rogers, a congruência, a aceitação positiva e incondicional e a compreensão empática, mais possibilidades haverá de um desenvolvimento pessoal e de relações familiares equilibradas.

Havendo relações familiares equilibradas os processos sociais não deixarão de ser o seu reflexo natural.

Referências Bibliográficas

- ANSHEN, Ruth Nanda (s.d.), *A Família: Sua Função e Destino*, Lisboa, Editora Meridiano Lda.
- BERLO, David K. (1979), *O Processo da Comunicação*, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editores.
- BOUDON, Raymond (1990), *O Lugar da Desordem*, Lisboa, Gradiva.
- BRETON, Philippe (1994), *A Utopia da Comunicação*, Lisboa, Instituto Piaget.
- DIAS, Fernando Nogueira (1989), *Escola e Socialização - Processo e Deficiências nos Jovens Toxicodependentes*, (Trabalho de Seminário), ISCSP/UTL.
- DIAS, Fernando Nogueira (1989), *Juventude e Toxicodependência - Identificação de Algumas Causas Sociais*, (Trabalho de Seminário), ISCSP/UTL.

- DIAS, Fernando Nogueira (1991), *Padrões de Comunicação no Sistema Familiar e Toxicodependência (Estudo de uma Comunidade Terapêutica)*, Dissertação de Mestrado em Sociologia, UTL.
- DIAS, Fernando Nogueira (1999), *A Imprensa Escrita, a Droga e a Toxicodependência, Da Massificação à Estereotipia dos Discursos*, Tese de Doutoramento em Sociologia, UBI.
- DIAS, Fernando Nogueira (2001), *Droga e Toxicodependência na Imprensa Escrita, Discurso e Percurso*, Lisboa, Instituto Piaget.
- DIAS, Fernando Nogueira (2001), *Padrões de Comunicação na Família do Toxicodependente, uma Análise Sociológica*, Lisboa, Instituto Piaget.
- DIAS, Fernando Nogueira (2001), *Sistemas de Comunicação, de Cultura e de Conhecimento, Um Olhar Sociológico*, Lisboa, Instituto Piaget.
- DIAS, Fernando Nogueira (2002), *Sociologia da Toxicodependência*, Lisboa, Instituto Piaget.
- DIAS, Fernando Nogueira (2003), *Educação e Projecto de Vida, Antes e Depois da Toxicodependência*, Lisboa, Instituto Piaget.
- DIAS, Fernando Nogueira (2004), *Relações Grupais e Desenvolvimento Humano*, Lisboa, Instituto Piaget.
- DIAS, Fernando Nogueira (2005), *A Manipulação do Conhecimento*, Lisboa, Nova Vega.
- EPSTEIN, Isaac (Org.), (1973), *Cibernética e Comunicação*, São Paulo, Cultrix.
- GOOD, William (1970), *A Família*, São Paulo, Livraria Pioneira Editora.
- KELLERHALS, Jean et al. (1989), *Microsociologia da Família*, Mem Martins, Publicações Europa-América.
- LACAN, Jacques (1987), *A Família*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- LEBRUN, François (s.d.), *A Vida Conjugal no Antigo Regime*, Lisboa, Edições Rolin.
- LITTLEJOHN, Stephen (1982), *Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- MICHEL, Andrée (s.d.), *Sociologia da Família e do Casamento*, Porto, Rés Editora.
- MUSGROVE, Frank (s.d.), *Família, Educação e Sociedade*, Porto, Rés Editora.
- ORGOGOZO, Isabell (1988), *Les Paradoxes de la Communication*, Paris, Les Editions D'organization.

- OSTERRIETH, Paul (1975), *A Criança e a Família*, Mem Martins, Publicações Europa-América.
- PARSONS, Talcott (1969), *Sociedade, Perspectivas Evolutivas e Comparativas*, São Paulo, Livraria Pioneira Editora.
- POROT, Maurice (s.d.), *A Criança e as Relações Familiares*, Porto, Rés Editora.
- ROCHER, Guy (1989), *Sociologia Geral*, Lisboa, Editorial Presença, Vol. I
- RODRIGUES, Adriano Duarte. (1999), *As Técnicas da Comunicação e da Informação*, Lisboa, Editorial Presença.
- ROGERS, Carl (1985), *Tornar-se Pessoa*, Lisboa, Moraes Editora.
- SARACENO, Chiara (1992), *Sociologia da Família*, Lisboa, Editorial Estampa.
- SULLEROT, Evelyn (1993), *Que Pais? Que Filhos?* Lisboa, Relógio d' Água.
- SULLEROT, Evelyn (1999), *A Família, da Crise à Necessidade*, Lisboa, Instituto Piaget.
- WATZLAWICK, Paul et al. (1985), *Pragmática da Comunicação Humana*, São Paulo, Cultrix.